

# PETIÇÃO DO LUXEMBURGO

**Para banir internacionalmente o mercúrio da amálgama dentária**

Coordenação:

**AKUT asbl**  
137, rue de Muhlenbach  
L-2168 Luxemburgo  
Tel.: +352 22 33 75  
Fax.: +352 22 28 73  
[info@akut.lu](mailto:info@akut.lu)

**European Academy for  
Environmental Medicine e.V.**  
Juliuspromenade 54  
D-97070 Wurzburg  
Tel.: +49 931 35 34 830  
fax +49 931 57 31 31  
[europaem@europaem.de](mailto:europaem@europaem.de)  
**Petição do Luxemburgo**

# **PETIÇÃO DO LUXEMBURGO**

## **Para banir internacionalmente o mercúrio da amálgama dentária**

Por convite do Aktionsgruppe fur Umwelttoxikologie (AKUT asbl)” no Luxemburgo e da “European Academy for Environmental Medicine” (EUROPAEN) e sob o patrocínio do Ministério da Saúde do Luxemburgo, cientistas, investigadores, médicos especializados em medicina ambiental, físicos e dentistas de renome assim como políticos, ONGs e grupos de doentes reuniram-se no dia 10 de Novembro de 2007 para chamar a atenção para os graves riscos para a saúde e o ambiente que advêm da utilização de mercúrio na amálgama dentária.

Na sequência desta conferência internacional foi decidido unanimemente elaborar uma petição urgente a ser dirigida à Comissão Europeia, ao Parlamento Europeu e às autoridades nacionais de saúde dentro e fora da Europa com vista a banir o mercúrio da amálgama dentária.

### **Petição do Luxemburgo**

Os signatários, que participaram nesta conferência internacional no Luxemburgo, e/ou os apoiantes dos objectivos e propósitos desta conferência acreditam que:

- Começando na incontestável toxicidade cientificamente comprovada e do potencial de malefícios para a saúde e o ambiente do mercúrio e sua combinação com outros metais;
- Reconhecendo o esforço do Programa Ambiental das Nações Unidas assim como o relatório da Comissão da União Europeia para o Conselho e o Parlamento Europeu no que respeita à sua estratégia conjunta sobre mercúrio;
- Reconhecendo a resolução do Parlamento Europeu sobre a estratégia conjunta sobre mercúrio e as dúvidas e reservas nela referidas sobre o uso de mercúrio na amálgama dentária;
- Salientando que de forma repetida tanto em plataformas europeias como internacionais, cientistas e investigadores independentes, médicos especializados em medicina ambiental, físicos críticos e dentistas assim como ONGs e grupos de doentes vêm alertando para o uso continuado do mercúrio, especialmente no que se refere à medicina dentária;
- Considerando o facto de estes avisos se basearem, entre outros aspectos, no pedido do princípio da precaução e de uma política preventiva para a saúde e o ambiente;

- Considerando o facto de que, simultaneamente, existem provas científicas que o mercúrio da amálgama dentária, em muitos casos, conduz sem margem para dúvida a numerosos distúrbios de saúde ou para o aumento das doenças crónicas;
- Apoiados no facto de que a amálgama dentária não é uma liga mas apenas uma mistura e, por conseguinte, permite a contínua libertação de mercúrio e de outros metais pesados;
- Apoiados ainda no facto de que as experiências em células e animais assim como os estudos efectuados em exames post mortem em humanos fornecem a prova evidente de que o mercúrio fica armazenado nas células, nos tecidos e nos órgãos humanos;
- Considerando que principalmente os vapores de mercúrio libertados da amálgama dentária são absorvidos pelas células e tecidos e aí ficam acumulados;
- Baseados no facto de que este armazenamento directo do vapor de mercúrio proveniente da amálgama dentária constitui a principal fonte a que se acrescenta a acumulação resultante de outros fornecedores de mercúrio tais como a cadeia alimentar animal e humana;
- Considerando que a acumulação de mercúrio pode causar doenças crónicas dependendo da dosagem, duração do contacto, susceptibilidade individual e do estado dos mecanismos de desintoxicação geneticamente determinados ou adquiridos;
- Salientando que nos países industrializados o mercúrio da amálgama dentária representa a segunda maior fonte de acumulação de mercúrio no ambiente e, por conseguinte, na nutrição humana;
- Conhecendo o potencial de danos físicos provocados pelo mercúrio, especialmente:
  - A toxicidade para as células e os danos tóxicos para as membranas das células;
  - A neurotoxicidade;
  - A modulação do sistema imunitário e da toxicidade imunitária;
  - A alteração dos padrões endócrinos;
  - A redução da fertilidade; e
  - Os riscos para o desenvolvimento embrionário e fetal (danos perinatais);
- Considerando que, por conseguinte, pode despoletar numerosos distúrbios de saúde, inflamatórios, de degeneração crónica e, frequentemente, doenças crónicas graves;
- Considerando que, neste contexto, os estudos científicos têm vindo a fornecer cada vez mais provas que apresentam as correlações entre o uso de mercúrio na amálgama assim como outros metais dentários e, frequentemente, a ocorrência de doenças graves,
- Concluindo que o mercúrio da amálgama dentária expõe numerosas pessoas a riscos irresponsáveis para a saúde, especialmente para a vida em desenvolvimento nos períodos pré e perinatal.

**As autoridades da UE, a WHO, assim como as entidades nacionais de saúde da Europa devem agora dar particular atenção a esses numerosos e crescentes avisos e devem, por conseguinte,**

**Banir imediatamente o uso de mercúrio nos materiais dentários**

Luxemburgo, 10 de Novembro de 2007

**Jean Huss**

AKUT asbl, LUXEMBURGO

**Dr. Jurt E Muller**

European Academy for Environmental Medicine e.V., ALEMANHA

**Marie Grosman**

Prof. Agregada de Biologia  
Association Non au Mercure Dentaire, FRANÇA

**Prof. Boyd E.Haley**

Professor de Química – Bioquímica. Universidade de Kentucky, Lexington, EUA

**Dr. Graeme Munro-Hall**

International Academy of Oral Medicine and Toxicology, REINO UNIDO

**Dr. Joachim Mutter**

Instituto de Medicina Ambiental e Hospital de Epidemiologia do Centro de Medicina Universitária,  
Freiburg, ALEMANHA

**Prof. André Picot**

Director honorário de investigação CNRS  
Presidente da Associação de Toxicologia – Química ATC, Paris, FRANÇA

**Prof. Vera Stejskal**

Professora Associada da Universidade Estocolmo e First Faculty, Universidade Charles, Praga,  
Danderyd, SUÉCIA